

## Nico Carpentier

É acadêmico, curador e artista. É professor extraordinário na Universidade Charles (Praga, República Tcheca) e trabalha em tempo parcial na Vilnius Gediminas Technical University (Lituânia). Tem publicado extensivamente sobre o Chipre, incluindo os dois livros *The Discursive-Material Knot: Cyprus in Conflict and Community Media Participation* (2017, Peter Lang, Nova Iorque) e *Iconoclastic Controversies: A Photographic Inquiry into Antagonistic Nationalism* (2021, Intellect, Bristol), ambos sem tradução para o português). Utiliza frequentemente métodos de investigação baseados nas artes, combinando fotografia, arte sonora e arte de instalação, o que resultou numa série de exposições, incluindo *Respublika!*, *Iconoclastic*

*Controversies I*, *Wolf Talks* e *The Mirror of Conflict* (*Iconoclastic Controversies II*).

### Introdução

A caminho do término do seu mandato de 4 anos como Presidente da IAMCR - International Association of Media and Communication Research, em 2024, Nico Carpentier fala à Revista da ALAIC sobre os desafios da associação num contexto de crise e descrédito da Universidade e da Ciência, mas de reforço da potencialidade de partilhas de conhecimento e iniciativas que evidenciam a capacidade de pesquisadores, professores e estudantes da área reforçarem caminhos que visibilizem princípios e valores característicos de melhores práticas para uma sociedade mais justa, cidadã e fraterna.

Professor da Charles University, na República Tcheca, Nico Carpentier parte de uma visão sobre as estratégias que norteiam o enfrentamento às demandas principais da associação, com integrantes de cursos na área de Comunicação em todos os continentes. Ele revela um quadro em torno do qual o principal desafio é manter e reforçar a principal qualidade da IAMCR, que a faz reconhecida e respeitada tanto no meio acadêmico, quanto na construção e implementação de políticas públicas para o setor: seu caráter global, bem como componentes que otimizem melhores práticas de docência e pesquisa em diferentes contextos locais e regionais.

## Quais são as contribuições da IAMCR para o desenvolvimento do campo da Comunicação?

Você começa com uma pergunta difícil porque há sempre, eu acho, uma mistura de orgulho e modéstia ao responder a uma pergunta como essa. Acho que desempenhei um papel importante em conectar acadêmicos, estudiosos de comunicação e da mídia, mas também de acadêmicos de áreas afins, conectando-os numa plataforma global. Nesse sentido, a IAMCR desempenha um importante papel, e acho que está funcionando muito bem no presente momento.

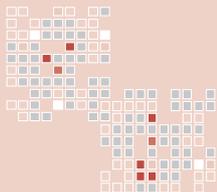
Ao compreender as conferências que realizamos, vemos pessoas de uma ampla variedade de origens, etnias e nacionalidades reunidas num único local. Considerando que as viagens globais não são acessíveis e, com todas as restrições, as pessoas ainda encontram formas de se reunir. Acho que somos uma plataforma que funciona como um local de encontros, na qual podemos ver todas estas diferentes perspectivas reunidas, contextos nacionais e regionais. Diferentes quadros teórico-filosóficos paradigmáticos que se encontram nessa plataforma e essa é uma razão pela qual me orgulho particularmente.

Sempre me agradou ver como estão as seções e os grupos de trabalho, que funcionam como plataformas menores em relação à caracterização e conquista dos mesmos objetivos. Isso se relaciona com a proposta mais geral da IAMCR porque não são ilhas: estão interligadas, mas são como penínsulas. Elas têm lógicas, dinâmicas e campos de interesse próprios, fazendo suas próprias atividades. Ao mesmo tempo, se conectam com uma plataforma maior.

Nesse sentido, me agrada bastante essa diversidade. Por exemplo, quando estamos lidando com eleições de seções e grupos de trabalho, ver pessoas de todas essas diferentes partes do mundo se voluntariando para assumir papéis de liderança, sendo responsáveis por essas penínsulas e por essa diversidade é simplesmente impressionante. E é realmente uma fonte genuína de orgulho. Ao mesmo tempo, precisamos ser modestos. Esse ambiente é feito por muitas pessoas e elas estão fazendo possível esse ambiente. Estamos criando essas plataformas na IAMCR como um todo, mas também as seções são grupos de trabalho em versões menores. Mas é claro que muitas pessoas também estão fazendo um ótimo trabalho e estamos ajudando, não os estamos substituindo.

Devemos sempre ter em mente que é preciso reconhecer os esforços externos à IAMCR, mas também a visão da própria IAMCR. E justo por ser a IAMCR uma plataforma global, também vemos que essas seções e grupos de trabalho se constituem em diferentes equipes dentro da IAMCR, que estão reunindo trabalhos acadêmicos resultantes desta colaboração, que podem ser verificados na nossa série de livros (a *The Global Handbooks in Media and Communication Research*, em parceria com a editora Wiley Blackwell), mas também há séries de livros editados. Vemos pessoas diferentes fazendo coisas diferentes. Gerar uma nova produção acadêmica através desses mecanismos colaborativos - e são significativos e inovadores! - é um interesse que me motiva e estimula.

Além disso, estimulamos diferentes tipos de produções: afastando-se do foco exclusivo no texto escrito, complementando isso com trabalho audiovisual e com pesquisa fundamentada. Novamente aqui a IAMCR desempenha um papel de liderança. Na verdade, o papel de uma vanguarda, eu diria, em abrir e estimular novos caminhos em colaboração com nossos membros que estão realmente bastante interessados. Nestas novas formas de fazer investigação, nestas novas formas de comunicar a nossa investigação. Então estamos muito orgulhosos e felizes...



**Quando pensamos na IAMCR, o que nos vem à cabeça primeiramente é a diversidade e a perspectiva global das seções, dos grupos de trabalho e de todo o desenvolvimento da área da comunicação. Então a importância dessa participação é significativa, mas o desafio é enorme. O desenvolvimento da área é importante em relação ao grande número de pessoas que participam, de diferentes trajetórias ou também contribui para a construção do arcabouço epistemológico que se torna mais amplo e diversificado?**

Eu trabalhei com dois exemplos rápidos, mas cabe aqui esclarecer. Eu acho que todos nós sabemos isso, mas a participação acadêmica no espaço da IAMCR ainda tem um viés ocidental e a diversidade é importante para superar esse preconceito e para realmente prevenir este desequilíbrio. Então, se falamos de desenvolvimento do campo, o confronto com a diversidade é uma forma de compreender esse aspecto e penso que isso seja vital quando se trata da IAMCR.

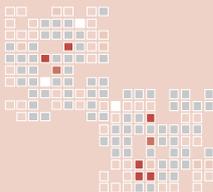
O segundo elemento que penso ser importante é que estamos tentando estabelecer novos grupos de trabalho. Isso também tem a ver com uma maior amplitude da associação. Grandes organizações tendem a ser um pouco difíceis de se movimentar, mas aí ganham importância, em particular, as lógicas das seções e grupos de trabalho, que não mudaram muito ao longo do tempo. Nossa estrutura é bastante fixa, mas temos tentado nos esforçar muito para trazer novas ideias. Permitir também que pequenas equipes se tornem grupos de trabalho na associação, para criar novas agendas e estimular novos temas. Aí também a IAMCR tem um papel importante a desempenhar para impulsionar o campo da Comunicação.

Para nos organizarmos e colaborarmos em temas mais recentes, temos alguns grupos de trabalho que são constantemente revisados e atualizados, mas estamos ativamente procurando incrementar novas participações. Queremos trazer novas ideias, novos membros que já são membros da organização há muito tempo e que querem ser mais ativos na IAMCR, mas também novos membros, pessoas que apenas dizem “Ei, tive uma ideia! Quero trabalhar nesta equipe, quero colaborar em nível global”. Procurar o confronto com a diversidade através, por exemplo, da criação de um grupo de trabalho, compreendendo isso também como desenvolvimento. Estamos tentando trazer à tona novas práticas comunicativas, mas também queremos continuar trabalhando na superação de formas de comunicação e estudos de mídia centradas no Ocidente.

**Passando para a próxima pergunta, que desafios a IAMCR enfrenta em tempos de ataques à ciência e a toda a universidade?**

Há uma lista de desafios que devemos observar. Em primeiro lugar: a lógica da IAMCR é a mesma de tantas associações que trabalham no campo acadêmico. Não somos ricos. Somos constantemente como todos os outros na área, lutando constantemente para encontrar recursos para pagar nossas contas. E acho que talvez haja diferenças ao longo do tempo, talvez em algum momento, em alguns lugares, as coisas sejam mais fáceis. A IAMCR é estruturalmente um pequeno player quando se trata de orçamento. Temos lutado e estou muito feliz por termos durado tanto tempo, mas temos certeza de que não estamos em uma posição luxuosa.

Segundo - e esta é uma luta que me é cara! -, estamos sempre lutando para manter a democracia organizacional interna. Queremos ser uma organização democrática e isso não é algo fácil. A democracia exige muito trabalho para lidar com todos os diferentes desequilíbrios de poder que sempre surgem e que têm uma longa história, além dos mais recentes. É preciso estabelecer um conjunto justo de procedimentos,



por exemplo, para que a IAMCR sobreviva.

Estamos constantemente lidando com desafios, que é algo com o qual tenho que lidar pessoalmente como presidente, mas com os quais a diretoria executiva ou a secretaria executiva também estão constantemente lidando e estamos funcionando. Essa é a segunda parte da minha resposta: estamos funcionando num mundo onde penso que, por um lado, estamos sendo meio desrespeitados e, por outro lado, ainda temos credibilidade e autoridade para falar verdades para o poder constituído e aí reside o nosso trabalho. Em grande medida, ainda podemos fazer isso. Mas também somos parcialmente desrespeitados, devido à pressão financeira da academia.

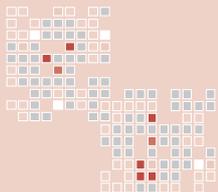
Em relação ao trabalho acadêmico, faltam recursos para as universidades, mas também há pressão política, que afeta nossa liberdade acadêmica. Em vários casos, estamos em perigo e precisamos nos levantar e ser uma voz em relação a essas situações. Penso que há também um risco mais econômico, da academia se incorporar ao mundo dos negócios e das corporações. Há uma pressão permanente sobre as universidades para prestar serviços às corporações e ao papel dos negócios. Também, precisamos, portanto, impedir que sejamos inseridos num contexto neoliberal, precisamos evitar que as universidades se tornem instituições neoliberais. Então, estamos enfrentando situações em torno desse tema em diferentes partes do mundo. São intensidades, graus e variações diferentes, mas estamos enfrentando riscos financeiros, riscos políticos e também os riscos de incorporação no mercado. Tentando levantar a voz o mais alto possível, temos o que chamamos de Clearinghouse for Public Statements, voltada para posicionamentos públicos, que está em pleno funcionamento com a Diretoria Executiva para levantar a nossa voz, na nossa posição de especialistas, em relação a estes problemas, tal como a recém-lançada declaração sobre inteligência artificial (em inglês, no link <https://iamcr.org/clearinghouse/ai>). Acreditamos que não devemos permitir que assumam o controle total sobre nossos mundos comunicativos e esse é apenas um dos muitos exemplos de pressões e desafios contemporâneos com os quais nós, como IAMCR, e toda a comunidade acadêmica estamos lidando.

### **Muito interessante porque se baseia em atividades da IAMCR, que trabalha no enfrentamento dessas situações a partir do entendimento dos desafios...**

Importante dizer que eu estou baseado na Europa e muitas vezes estou pessoalmente numa situação bastante confortável. Eu sei que em outros países os problemas e desafios que levantei e discuti são muito piores. Não quero desacreditar os desafios na Europa, mas estou muito consciente que em outras partes do mundo os colegas enfrentam situações muito piores. Acho que é importante dizer isso porque estou ciente de que ainda estou bem, tendo uma posição de trabalho na Europa.

Este é um lembrete permanente para os estudiosos que vivem no Norte Global. Às vezes esquecemos que a IAMCR, como um dos papéis que desempenha, busca acionar lembranças a respeito disso, dessa diversidade de desafios. Além disso, para estudiosos de processos participativos, é realmente precioso também para mim, individualmente, ser constantemente confrontado com uma diversidade de problemas.

Penso que o nosso papel, como acadêmicos no Norte Global, é ajudar de forma respeitosa. E acho que às vezes também é muito difícil colocar em prática para encontrar esse equilíbrio em lidar com pessoas que ocupam posições tão diversas sabendo que seus recursos também são limitados e que isso é muito importante sobre respeito mútuo.



**Temos algumas outras questões relacionadas ao que estamos falando e será ótimo ter suas próximas respostas a respeito. A próxima pergunta está relacionada à internacionalização: quais os esforços da IAMCR em relação à internacionalização e ao desenvolvimento de redes de pesquisa, com base nas atividades e na estratégias envolvidas?**

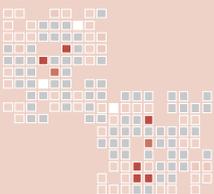
Obviamente minha resposta vai se sobrepôr ao que eu estava falando, porque fazemos um esforço contínuo de internacionalização. Então, tudo que eu disse, de certa forma, é uma resposta para essa pergunta. Somos um dos atores que fomentam a internacionalização. Nosso trabalho é apoiar a internacionalização, mas talvez precisemos, novamente, dar um passo atrás e pensar o que é internacionalização? Existem algumas respostas e caminhos. Internacionalização é uma dessas palavras-chave que circula na academia e com a qual cada instituição lida de modos distintos.

Na minha experiência pessoal, como professor na República Tcheca, um dos meus trabalhos aqui em Praga é apoiar a internacionalização. Isso não é, na prática, um trabalho fácil e eu realmente sobrevivi a todas situações que surgem de visões em torno da internacionalização. A linguagem é um problema sem fim e extremamente difícil. Para lidar com isso de maneira respeitosa aqui em Praga, uma das grandes defesas da comunicação bilíngue implica, no nosso caso, na assimilação da língua inglesa.

Toda linguagem traz consigo uma estrutura própria para compreender o mundo. E a diversidade de línguas é extremamente importante, mas também muito difícil para se comunicar em nível global, mantendo intacta essa diversidade de línguas que acolha a todos na academia. Na verdade, promover esse engajamento é extremamente difícil e vivi isso diariamente, tanto como presidente da IAMCR, como alguém que trabalha na República Tcheca e não estou à margem disso, pois sou da Bélgica. Então minha experiência vivida é que a língua que usamos agora nessa entrevista, o inglês, não é nem minha língua nativa nem a sua e precisamos lidar com isso recorrentemente. Todos nós usamos algo que basicamente ainda é um pouco estranho para nós. E, mais uma vez, isso mostra as complexidades da comunicação acadêmica global, pois quando pensamos em ser internacionais e em internacionalização são muitas vezes questões que não levamos em conta.

Essa internacionalização é mais do que lidar com pessoas de diferentes estados, porque o mundo ainda está estruturado internacionalmente através de estados-nações. E precisamos pensar no mundo de uma forma muito mais complicada, como um aglomerado ou uma reunião de nações, diferentes tipos de cidades e regiões. Então, a internacionalização como termo talvez também não seja tão adequado, porque traz à tona a lógica do Estado. E, muitas vezes, a internacionalização está restrita ao intercâmbio num continente, mas precisamos de ir além dele. Talvez precisemos de uma transcontinentalização. Precisamos de uma situação em que troquemos conhecimento entre continentes e assim tem sido em nossos espaços de atuação. Por isso a IAMCR é tão importante, pois somos uma dessas poucas plataformas que permitem aos continentes se encontrarem, sem desmerecer as plataformas regionais.

A ECREA - European Communication Research and Education Association - é vital como espaço acadêmico regional, claro, e oferece contextos internacionais que estão muito presos a um continente, mas, ao mesmo tempo, precisamos de ir além dos continentes. E é por isso que a IAMCR é importante, porque permite que também membros de associações como ALAIC e ECREA colaborem parcialmente com a plataforma que a IAMCR oferece há tantas décadas. Mas é aí que penso que reside uma das maiores necessidades do intercâmbio acadêmico global: criar um diálogo transcontinental, indo além das áreas seguras do continente.



**Interessante porque, por um lado, a IAMCR é bem conhecida pela perspectiva de internacionalização, mas, ao mesmo tempo, como uma qualidade que é difícil manter. Então temos que cuidar dessa qualidade e melhorar as estratégias para fazê-la funcionar...**

Necessita de cuidados permanentes e não é algo que possamos considerar garantido, se não o fizermos. É preciso alimentar esses processos, pois eles podem não acontecer. Às vezes é muito prático no nível individual. Nas conferências da IAMCR, às vezes num jantar ou na hora do almoço, verá pessoas que fazem parte do mesmo país se reunindo. Mas podemos também falar com pessoas de outras partes do mundo? Podemos nos misturar? É claro que é mais fácil a proximidade, pois você pode falar sua própria língua, as pessoas, seus amigos. E isso é uma coisa lógica de acontecer. É importante alimentar esses diálogos mais transcontinentais, às vezes fazendo as pessoas interagirem com quem está realmente fazendo o mesmo tipo de pesquisa, mas a partir de uma abordagem totalmente diferente, que exige cuidados explícitos e investimento, que é o que buscamos fazer.

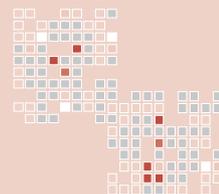
**Você trouxe isso na sua segunda resposta, mas peço que retome aqui as iniciativas que a IAMCR leva adiante como ação política junto a organizações multilaterais.**

A IAMCR tem, por um lado, defendido uma posição crítica em torno de nossos membros, nas seções e grupos de trabalho e também fazemos isso por meio das declarações que liberamos por meio da Clearinghouse for Public Statements. Temos sido francos e vemos isso como parte da nossa vocação para falar abertamente. Ao mesmo tempo, como instituição acadêmica, nossa expertise está focada na lógica de Estudos de Mídia e Comunicação. É isso que estudamos e fundamentamos em nossas intervenções e nessa experiência. Assumimos posições, apresentamos tais posicionamentos em espaços pertinentes e nós nos comunicamos. Algo que eu gostaria de ver mais, e isso está acontecendo lentamente, é ter mais membros propondo declarações relacionadas ao campo da comunicação e dos estudos de mídia para que possamos falar mais sobre mais temas em nosso campo. Há muito trabalho bom realizado na IAMCR em termos da análise e posicionamento de problemas políticos.

Acho que podemos fazer mais e isso não significa desacreditar o trabalho dentro da organização. Na verdade, é argumentar que isso é vital, mas também precisamos que nossos membros da IAMCR se envolvam mais na associação, porque ela está disponível. Os membros são especialistas locais, entendem o contexto no Brasil, em Mianmar ou na Austrália e podem conversar conosco sobre o que está acontecendo em sua região, bem como nos faça falar também com expertise sobre sua própria região.

O modelo que temos tentado desenvolver e que tem funcionado bem, ao mesmo tempo, é poder interagir com essas associações globais. Nós trabalhamos com a UNESCO, que é um parceiro privilegiado. Mas também, por exemplo, com a FAO (Organização de Alimentação e Agricultura) e a UNICEF, temos uma série de colaborações que nem sempre são muito publicitadas. E aí, elas não geram enormes declarações públicas em todos os casos. Trabalhamos com estas organizações, para permitir que a nossa experiência se ligue ao que estas organizações estão a fazer há não muito tempo, cerca de meio ano atrás.

Houve uma conferência da UNESCO muito focada no papel das plataformas na sociedade e na regulação global das plataformas. A UNESCO nos pediu que realizássemos uma pequena conferência durante esse evento, para que os nossos membros pudessem realmente interagir com diferentes partes interessadas, como é chamado no contexto da UNESCO. Então temos as nossas declarações públicas, como análises críticas dos problemas que surgem numa determinada região. Queremos utilizar a nossa experiência para falar publicamente, mas, ao mesmo tempo, colaboramos com instituições globais, tentando utilizar a nossa



experiência para o benefício de todos e também para o benefício destas grandes associações internacionais em usar o nosso conhecimento para desenvolver políticas que estejam prontas para o século XXI. Esse é também nosso papel e trabalho.

### **Temos ótimas perspectivas de trabalho e estamos também aumentando a melhoria da colaboração entre nossos recursos. Então, qual a perspectiva para a IAMCR para a formação de recursos futuros para as transformações atuais na comunicação?**

A IAMCR é uma plataforma muito acolhedora na fase inicial de carreira. Pesquisadores nos últimos anos realmente trabalham duro para garantir que a IAMCR receba aqueles que estão dando os primeiros passos como estudantes de doutorado acadêmico, mas também na fase inicial de atuação acadêmica. Existem diferentes mecanismos que desenvolvemos para aumentar e qualificar essa participação, que também são consagrados na IAMCR. Uma de nossas seções, a ESN - Emerging Scholar Network (Rede de Pesquisadores Emergentes) - destina-se a apoiar estudiosos em estágio inicial e é necessário ser o mais acolhedor possível.

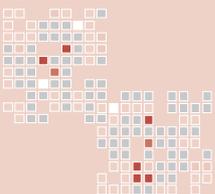
Isso não significa dizer que vamos abrir a porta, as pessoas entram e todos os problemas são resolvidos. Na verdade, significa que queremos nos envolver para facilitar o diálogo entre pessoas em diferentes posições. Nas nossas conferências, tentamos trazer estudiosos em estágio inicial, mas também, obviamente, trazemos diferentes gerações e organizamos momentos onde essas pessoas podem interagir. Eu acho que isso é uma parte muito importante do treinamento e, mesmo que não seja organizado e rotulado como tal, é muito importante.

Em segundo lugar, o que tentamos explicitamente apoiar, temos nossas bolsas de viagem, que muitas vezes são voltadas para estudantes em estágio inicial para participar de nossas conferências. Sabemos que os obstáculos para os estudantes em fase inicial são consideráveis, especialmente se vierem dos recursos do Sul Global. Especialmente para esse grupo é difícil encontrar espaços de apoio e tentamos ajudar oferecendo bolsas de viagem.

Além disso, os prêmios buscam estimular a qualidade e vendo tanto os diferentes prêmios que temos, sejam prêmios memoriais, quanto os prêmios temáticos, eles são muitas vezes voltados para pesquisadores iniciantes - jovens acadêmicos ou em estágio inicial - que podem realmente ver seu trabalho validado. E isso é, novamente, um componente importante do que penso ser o fortalecimento da posição dos estágios iniciais.

Finalmente, e isso ainda é um progresso inicial, uma coisa que temos tentado estabelecer é uma combinação de uma escola de doutorado e *master classes*, um conceito que na verdade nem sempre é muito conhecido ou muito utilizado. Mas pensamos que, além de tudo o que já fazemos, podemos fazer mais no sentido de proporcionar um treinamento e um envolvimento mais explícito para as fases iniciais da carreira e, para a nossa próxima conferência, que será em Christchurch, Nova Zelândia (em julho de 2024), estamos tentando planejar uma escola de doutorado ou uma série de seminários de doutorado na Austrália, perto da Nova Zelândia, para que as pessoas que estão a caminho da Conferência da IAMCR possam realmente fazer uma escala visando um treinamento. Esse modelo é inspirado numa escola de verão que tive muita sorte de poder dar suporte, na ALAIC e na ECREA, mas também no Paquistão, onde estive envolvido na criação da escola de primavera de doutorado pela associação deles.

Penso, portanto, que a formação doutoral é muito importante e que precisamos investir em pessoas que



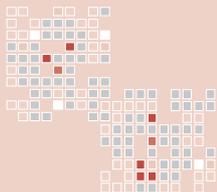
ingressam na academia, com um modelo centrado no aluno. É um bom modelo e estamos analisando como podemos integrá-lo mais e melhor dentro da IAMCR também, para que possamos ter uma infinidade de escolas de doutorado que não tratam necessariamente de um tema, mas tratam de fornecer orientação e treinamento para alunos em estágio inicial e estamos tentando organizar isso, além de todas as outras coisas que temos que fazer.

**A próxima pergunta está relacionada às demandas do Brasil e da América Latina, bem como de outras regiões periféricas: o que a IAMCR tem sido feito para permitir e melhorar uma melhor participação de pesquisadores de países de média e baixa renda, em relação à atividades como congressos bianuais, participação na Diretoria Executiva e em sua estrutura de gestão, já que não contam com suportes individuais e apoio institucional em suas universidades e países?**

Este é um dos problemas que me mantêm acordado, porque não existe solução perfeita. É um elemento que considero muito importante para a IAMCR no que diz respeito às nossas conferências, já que é isso que nos move. Há sempre a tendência de permanecer nas universidades do Norte global, porque eles têm mais recursos de infraestrutura, etc. O que tentamos fazer é mudar nossa conferência ao redor do mundo. Um dos principais custos da conferência é, claro, a viagem, além do custo para o meio ambiente, que não é apenas um custo humano. Então, uma das coisas que tentamos estabelecer é a rotação dos locais das conferências, mudando para diferentes continentes. E, para que conste, é importante que venhamos para a América do Sul o mais rápido possível, porque estivemos longe da sua região por muito tempo.

O segundo elemento tem a ver com as taxas de inscrição, mas mais ainda com as taxas de adesão. Obviamente, temos diferentes valores solicitados nas inscrições, para apoiar a organização, mas também para participar na conferência. Especialmente a taxa de inscrição é um componente muito complicado e muito sensível. Tentamos sempre mantê-lo o mais baixo possível, mas isso é um confronto interminável entre viabilidade econômica, sustentabilidade e redução de custos. Uma situação muito difícil para dar conta. Todos os anos tentamos manter essas despesas num nível mais baixo possível, sem inviabilizar nossos anfitriões da conferência.

Tentamos trazer pessoas para a conferência através do sistema de subsídios de viagem. Então nós alocamos, como decisão da nossa Assembleia Geral, pelo menos 15% de nossas taxas de adesão para esses locais de viagem. Não somos tão ricos assim, mas é pelo menos uma parte substancial do nosso orçamento. Não é um mundo ideal, mas um dos elementos da IAMCR que realmente me incomodou e com o qual somos constantemente confrontados. Com a distribuição desigual de recursos em todo o mundo, muitas vezes recebo e-mails de pessoas solicitando um local para participar de uma conferência que seja importante para elas. Mas simplesmente não temos recursos para ajudar a todos e não tenho dificuldade em afirmar isso de um modo geral. Dizer não a estes pedidos é sempre difícil, porque conheço a realidade global que os move e me dói ter que dizer não simplesmente porque também não temos esses recursos por conta de nossas próprias limitações, mas tentamos o máximo possível. Através da rotação do local da conferência, através de taxas de adesão e reduções de inscrição, considerando escalas diferentes e bolsas de viagem. Estes são os três instrumentos mais importantes, longe de serem perfeitos, mas o melhor que podemos fazer.



## **A última pergunta, fora do roteiro original, mas não menos importante: quais seriam as suas palavras ao incentivar o envio de propostas para sediar futuras conferências da IAMCR?**

É realmente uma pergunta surpresa porque não é fácil. Como um anfitrião, é uma experiência única trazer centenas de estudiosos, porque você pode interagir com o mundo. É muito legal, honestamente, e já vi isso acontecer muitas vezes. Na verdade, sempre em que participei. Uma parte importante da carreira acadêmica é ter sido capaz de assumir uma proposta de sediar um evento dessa dimensão e sobreviver a essa conferência imediatamente em seguida.

É um trabalho duro e muito difícil. Sempre que conversamos com futuros anfitriões, dizemos que será o ano da sua vida. É preciso muito esforço, muita energia, mas é incrivelmente gratificante. Então são os dois mundos e, por certo, não estou convencendo as pessoas porque não quero prendê-las. Não quero trazê-las para um mundo onde se sintam infelizes. Meu trabalho como presidente da IAMCR é comunicar, honesta e abertamente, as implicações de sediar uma conferência. É uma experiência de mudança, mas é um trabalho muito difícil. O que exige muita energia e paciência, mas se você sobreviver - e até agora todos os nossos anfitriões sobreviveram! - à conferência, verá isso como um momento importante e talvez até seja uma honra ter conseguido que tantas pessoas, de tantas partes diferentes do mundo, se sintam bem-vindas.

Falem conosco para ouvir o que isso realmente significa na prática e então tomem suas próprias decisões, mas é uma parte importante e também é uma prestação de serviço à comunidade acadêmica. Isso é extremamente importante e apreciado pela comunidade acadêmica local. Talvez esse seja o argumento mais importante. Deveríamos ajudar uns aos outros. E ser anfitrião de uma conferência da IAMCR é uma tarefa muito importante. Um serviço àquela comunidade acadêmica, que também é divertido, desafiador, mas simplesmente também importante de fazer.

## Referências

CARPENTIER, Nico. Além da escada da participação: ferramentas analíticas para a análise crítica dos processos midiáticos participativos. In Revista Mídia e Cotidiano. v.12, n. 3, dez. 2018.

BECKER, Jörg; MANSSELL, Robin (Eds). Reflections on the International Association for Media and Communication Research: Many Voices, One Forum. Palgrave, UK, 2023.

---

Recebido em 20/09/2023. Aceito em em 06/10/2023.

